

História...

Maria Alice Targa¹

Ouçõ uma conversa. São pessoas de seus setenta anos que, por alguma razão, se reencontraram. Descrevem, nostalgicamente, a cidade de suas juventudes: “... a gente transitava pelas ruas sem preocupação maiores, senão o cuidado ao atravessar alguma avenida, respeitar horário, providenciar alimento esperar a volta dos que saíram de manhã. Às vezes, sentar na calçada, na sacada, chamar o vizinho, esperar o carteiro, olhar uma revista, ler um jornal. Quem sabe ouvir uma música, notícias, molhar o jardim, ir ao cinema, esperar o domingo, passear, dormir...”

Penso atentamente e confesso que, se no vestibular da vida, me fosse solicitada opções, tais como:

- a) Que beleza!
- b) Que tédio!
- c) Nenhuma das respostas.

Marcaria a opção C, pois na linguagem objetiva, penso que essa escolha é a que expressa melhor minha ignorância subjetiva. Não sei se troco a imagem do super DVD pela tela de alguma janela. Se o papo a distância tem mais sentido do que os riscos do caminho que me levam ao cofre gradeado onde mora meu amigo.

Se a iniciação sexual virtual causa menos ansiedade do que o ‘arreganho barulhento’ dos primos e primas que se espiavam pelas janelas do final da infância. Aliás, infância essa, que vem acabando cada vez mais cedo, admitindo saltos altos, maquiagens, reflexos, chapinhas e brilhos, mesmo antes da vida escolar.

Como seria naqueles tempos a viagem do antes do nascer? A gravidez cercada de conversas longas, regadas, neste Rio Grande querido, a chá gelado ou mate quente, nas casas

¹ Psicóloga. Especialista em Crianças e Adolescentes, Saúde Pública e Psicologia Educacional. Professora do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade.

humildes ou suntuosas deste exercício democrático que, emocionalmente, iguala mulheres de qualquer ponto da pirâmide social. Sensibilidade á flor da pele, medo, fascínio, cuidado, dúvida, cumplicidade, troca de experiência que iam desde partos rápidos, como estrelas cadentes, até longas madrugadas doídas, como as que sucedem a um GRENAL perdido. Esses ‘causos’ de filhos por nascer atenuavam uma espera intuitiva e mágica. Menino? Menina? Dois, ou um? Mistério inquietante que a tecnologia, objetivamente, resolveu e preveniu, mas, subjetivamente, nos enredou em decisões e surpresas de administração complexa e sutil.

O tempo passava, o bebê nascia, o idílio mãe-filho se estabelecia. Assim era o início do primeiro laço. Indispensável, imprescindível, mediado por uma linguagem unicamente entendida por aqueles dois. Mãe e filho. Filho que não sabe do seu começo e da sua dimensão. Mãe que precisa dimensioná-lo. Bebê e mãe, mistura sagrada de um bolo que tem o amor como único fermento. Ela sabe que não é ele. Ele não sabe que não é ela, por isso a mãe abre mão de sua autonomia e se mantém a serviço do laço estruturante que regula a fonte cadenciada de alimento e afeto. Amamentações longas, casas abertas, presentes, parentes, vizinhos, visitas, ...

O que deve haver por trás desse laço?

Um ser que, marginalmente participativo, acompanha esse amor. Protege, cuida, assessora, observa, tenta, recua, mas sabe que é preciso esperar. Sua vez chegará! Vagarosamente penetra nessa densa nuvem que o mantém, sem norte, por algum tempo. Vai chegando sem fazer barulho, sem traumas, mostrando aos dois enamorados que há o mundo ao seu redor, que havia vida antes deles dois. Este acontecimento só será legitimado, quando a mãe, saudavelmente, permitir. O espaço se abre. O pai o ocupa vitorioso. Recuperou sua mulher e, agora, tem um filho! É preciso, finalmente, tornarem-se harmoniosamente três. Realidade recomposta. Um novo laço se inaugura. O laço paterno. Firme, presente. Triângulo, figura geométrica do telhado que protege a casa. Lei que chega e diz: basta de amor exclusivo!

Segundo laço.

Isto sim, isto não! Isso te pertence, aquilo não! Pode, não pode! Hora de voltar da festa compatível com a autonomia. Encargos passíveis de serem cumpridos. Castigos possíveis de

Ressonâncias

serem executados. Pai, mãe, filho. Hierarquia ética que alicerça o convívio social sem transgressão. Porta aberta para novos laços. Rua, pessoas, colégio, sociedade.

Hoje, ao redor deste ser que parece transitar bem pelo caminho das primeiras relações o que há? Uma casa rápida como o vento. Pais e mães voando ao redor. Buscam, levam, pagam, devem, dizem ou calam em uma velocidade estonteante. Quando o segundo ‘manhê’ soa, ela já se foi. Ele, nem veio. Mudar a realidade? Não dá! Colégio caro, inglês imprescindível, dentista, cabelo, festa e férias...

Surge a responsabilidade social e as perguntas filosóficas. Por que eu tenho e ele não? O que determina quem nasce aqui ou lá? Ninguém! Então, eu poderia estar lá sem casa, comida, passagem, lazer? Não sei! Nem sei se quero saber. Riscos de assalto, medo, ansiedade.

Será que meus pais vão deixar de se amar? E se não tiverem mais como me sustentar? Se arrumarem namorados da minha idade? Irmãos que são sobrinhos, madrasta que são primas, primas que já são mães? Um amigo homem que se apaixonou por um padre! E padre é de que espécie já que não deve procriar? Meu Deus! Deus? Igreja? Absolve ou condena. E a polícia? Será aquilo que quando protege mata e quando matam prende?

Estou sozinho. Preciso fazer laços! Um esporte, um time, um jogo que eu saiba jogar! Futebol? Vôlei? Tênis? Se eu for ruim, terei de largar, se for bom, terei de treinar demanhã, de tarde, de noite, ... E por prazer? Nada!

Que prazer, criatura? Quero ver ganhar dinheiro com Educação Física, Magistério, Balé. Medicina, Direito, Concursos, estabilidade,... isso sim!

- Arte, decoração, dança, estilismo? Te liga, criança! Já viste alguém ganhar dinheiro pintando ou bordando neste país? Só na política!

Que tortura! Preciso falar com alguém. Fazer laços que não desatem!

- Mãe, mãe?

Ressonâncias

Não está em casa, ela não suporta ficar em casa.

- Pai, pai...

Ele nem mora mais aqui!

- Vó, vó?

- Que é guri? Que foi? Isto é jeito de chamar alguém?

- Vó, onde está a casa do vizinho?

- Desmancharam ha um mês!

- E eles?

- Se foram!

- Que falta vão me fazer, era um laço tão antigo!

- Vó, vó!

- De novo, piá?

- Que tu pensas das pessoas que usam drogas, vó?

- Ora falta de laço, meu filho!

- Falta de laço, pois não é que tu tens razão. Vou sair e não sei eu horas volto... fui!